

O ‘*autorretrato*’ é provavelmente um dos géneros de pintura mais famosos da história de arte, sendo um meio de expressão visual do ‘eu’ do criador, uma forma distinta de autorrepresentação, um espelho das emoções e do passar do tempo, como p.ex. em Rembrandt van Rijn.

A grande questão é: Como queremos ser vistos pelo mundo, o meio-ambiente, a sociedade na qual nos inserimos. Quais os valores que queremos transmitir?

É nesta questão dos valores que está ancorado a primeira exposição individual de Renzo Marasca, pertinentemente: *autoritratto*. *autoritratto* – é um título em italiano, língua mãe de Marasca, ligando a sua pessoa ao corpo que é porque pensa e pinta – apresentando com esta afirmação uma nova versão de “Cogito, ergo sum”.

Profundamente interessado nas grandes questões filosóficas que movem o mundo, tanto no presente e no passado, cruzando a sua busca pelo significado das coisas com a prática artística, Marasca apresenta um conjunto de trabalhos inéditos num formato único e original, nunca visto em Portugal, fruto da sua investigação sobre o conceito da “transparência”.

Pinturas de médio e grande formato sobre papel de arroz, usando a cera líquida e tintas ecoline o resultado são várias pinturas em tons claros e transparentes que potenciados pelo material do suporte se tornam objectos intemporais, catalisadores da luz e do seu reflexo. A inclusão dos fenómenos da luz e as imagens sugeridas são de ordem abstracta, não obstante apontam para uma outra dimensão do mundo, e o discernimento que dele fazemos. Diz-nos o artista que “A primeira obra literária que testemunha a consciência da luz como fonte do conhecimento reservado para o ser humano foi escrita no Egito na era anterior a Moisés e é o ‘Corpus Hermeticum’, do qual o ‘Pimandro’ é a primeira parte.” O conceito de transparência é transportado ao longo dos séculos de geração em geração com diferentes significados e importâncias, como p.ex. na obra ‘*Gran Verre*’ (1915 - 1923) de Marcel Duchamp, onde o artista retoma e cultiva a ideia metafísica da luz como metodologia aplicada à criação artística e à transparência como representação simbólica de sua emanção universal. Da arte visual à arquitetura¹, os conceitos de transparência, leveza e de uma certa suspensão do peso, da gravidade, sempre foram de grande interesse. É por este interesse e vontade de fazer diferente, para explorar o conceito da transparência de forma mais honesta, no seu trabalho, que Marasca na sua mais recente produção pictórica foi explorar novos suportes e materiais.

Entramos no espaço da Galeria Belo-Galsterer e somos recebidos pela obra “*Janela*” que nos dá o mote para esta exposição, uma obra que é um substrato concentrado daquilo que nos espera: cor (clara), leveza (do material), profundidade (pela sua montagem). A materialidade destas obras transmite uma certa estranheza – películas transparentes que têm nelas impressas rugosidades e materialidades de outros, modificam-se através da luz que recebem e deixam entrever outras imagens, como se de paisagem se tratasse... Repetem-se estas sensações nas obras “*Panorama (uma tenra lentidão é o ritmo)#01 e #02*”.

As pequenas pinturas sobre madeira, acabam quase por funcionar como um ‘contra-argumento’, sendo óleos com gaze (o tecido) sobre madeira, contrastando e reforçando ao mesmo tempo a ideia subjacente do artista; esse contraste entre pintura sobre papel de arroz e pintura sobre madeira, tem o seu ponto alto na sala que apresenta a obra “*autoritratto*”, homónima da exposição: uma obra de grandes dimensões que nos confronta com a complexidade da sua construção e feitura, cores fortes, um padrão orgânico em movimento, uma obra que nos quer impressionar. Contrastando com a grande, está a obra “*Reverse Sun*”, mais pequena, mais escura, variando de certa forma o padrão inscrito na grande, parecendo remeter para um debate em andamento, como se fosse um debate interno sobre a questão da pintura, da transparência e suas funções.

Ao contrário da pintura na tela, onde as camadas de cor produzem um corpo escultural (o que está por baixo está oculto pela última camada pictórica, favorecendo uma imagem em detrimento de outra), nas pinturas sobre papel de arroz o ato de adicionar pigmento “revela” o subjacente, incorporando-o num todo.

Na verdade, graças à transparência natural do suporte e dos materiais, o gesto é transformado em impressão, deixando o espectador com uma ideia de leveza pura.

1 Renzo Marasca escreveu sobre esta questão: “Na arquitetura, a ‘*Casa Farnsworth*’ de Ludwig Mies van der Rohe (1946 - 1950) torna-se um elogio à leveza e transparência, onde a estrutura de aço cria um espaço sem a massa e o limite da casa são apenas um espaço mental; entre a base e o teto, suspensão.”

Biografia resumida

Renzo Marasca (Itália, 1977). O artista vive e trabalha em Lisboa.

Mudou do curso de restauro para a pintura, viajando sempre em trabalho pela Europa, passando por Barcelona, Londres, Berlim e finalmente Lisboa. Tem o seu próprio atelier em Lisboa e também colabora no atelier de Pier Paolo Calzolari.

Entre as suas exposições recentes a destacar, 2020: *autoritratto*, Galeria Belo-Galsterer; 2019: *From Night til Dawn*, Galeria Belo-Galsterer, Lisbon, PT; *Tenere il punto*, Moresco Centro Arti Visive, Moresco, IT; 2018: *Piccola Scala*, Instituto Italiano de Cultura, Lisboa; 2016: *Eutopia – L’Europa come corpo complesso*, Fusion Art Gallery, Turin, IT; 2014: *Senza Titolo*, CCCTO Centro di Cultura Contemporanea, Turin, IT; 2013: *Ideologie der Natur*, Corpo 6 Galerie, Berlin, DE; 2010: *Blasius/Litzkow/Marasca*, S&G Galleries, Berlin, DE.

O seu trabalho integra várias coleções institucionais, entre as quais, por ex. a Col. da Embaixada Italiana, República de São Marinho, Museu de Arte Italiana, Bengasi, Líbia, bem como colecções privadas alemãs, italianas e portuguesas.

'self-portrait' is probably one of the most famous genres of painting in art history, being a mean of visual expression of the artist himself, a distinct way of self-representation, a mirror of emotions and the passage of time, as we find it so well represented in Rembrandt van Rijn's paintings.

The big question is: How do we want to be seen by the world, the environment, the society, which we are part of? What values do we want to convey? It is in this manner that the first individual exhibition of Renzo Marasca is created: autoritratto. autoritratto – an Italian title, Marasca's native language, connects the artist to his body as he thinks and paints – presenting with this statement a new version of "Cogito, ergo sum". Deeply interested in the great philosophical questions that move the world, both in the present and in the past, he crosses his research about the meaning of things with his artistic practice. Now, Marasca presents a set of unpublished works in a unique and original format, never seen in Portugal, the result of his research on the concept of "transparency": Medium and large format paintings on rice paper, using liquid wax and ecoline inks. It results in several paintings with light and transparent tones that, enhanced by the support material, become timeless objects, catalysts of light and its reflection. The inclusion of the light phenomenon and the suggested images is abstract, however it also points to another dimension of the world, and what we make of it.

The artist tells us "The first literary work that witnesses the consciousness of light as a source of knowledge reserved for the human being was written in Egypt before Moses and it is the 'Corpus Hermeticum', which starts with 'Pimandro.'" The concept of transparency is carried over the centuries from generation to generation with different meanings and values, such as e.g. in Marcel Duchamp's 'Gran Verre' (1915 - 1923), where the artist resumes and 'cultivates' the metaphysical idea of light as a methodology applied to artistic creation and transparency, as a symbolic representation of its universal emanation. From visual art to architecture¹, the concepts of transparency, lightness and a certain suspension of weight, gravity, have always been of great interest. It is by this interest and willingness to do differently, to explore the concept of transparency more honestly, in his work, that Marasca in his latest pictorial production has been exploring new supports and materials.

As we enter the space of Galeria Belo-Galsterer we are received by the work "Janela" ('Window') that gives us the motto for this exhibition, a work that is a concentrated substratum of what awaits us: colour (clear), lightness (of the material), depth (by its display). The plasticity of these works shows a certain strangeness – transparent layers that have the irregularities and materialities of others printed, it changes through the light of which is received and let other images be seen, as if it were a landscape... These sensations are repeated in the works "Panorama (uma tenra lentidão é o ritmo) #01 and #02".

The small paintings on wood almost function as a 'counter-argument', being oils with gauze (the fabric) on wood, contrasting and reinforcing at the same time the underlying idea of the artist; this contrast between painting on rice paper and painting on wood, has its high point in the room that presents the work "autoritratto", the same name as the exhibition: a large work that confronts us with the complexity of its construction and making, strong colours, an organic pattern in motion, a work that wants to impress us.

Contrasting with this piece, is the work "Reverse Sun", smaller, darker, with an alternation of the pattern inscribed in the large one, seeming to refer to an on-going debate, as if it were an internal debate on the issue of painting, transparency and its functions. Unlike the painting on canvas, where the layers of colour produce a sculptural body (what is underneath is hidden by the last pictorial layer, enhancing one image over another), in these works the act of adding pigment "reveals" what is underlying, embodying it into one whole.

In fact, thanks to the natural transparency of the support and materials, the gesture is transformed into an impression, leaving the viewer with an idea of pure lightness.

1 Renzo Marasca wrote about this issue: "In architecture, the 'Casa Farnsworth' by Ludwig Mies van der Rohe (1946 - 1950) becomes a compliment to lightness and transparency, where the steel structure creates a space without mass and the house boundary is only a mental space; between the base and the ceiling, suspension."

Short Biography

Renzo Marasca (Italy, 1977). Lives and works in Lisbon. The artist changed from a restoration course to painting, always traveling in work through Europe, passing through Barcelona, London, Berlin and finally Lisbon. Renzo has his own atelier in Lisbon and also collaborates in the atelier of Pier Paolo Calzolari.

Among his recent exhibitions we highlight, 2020: autoritratto, Galeria Belo-Galsterer; 2019: From Night til Dawn, Galeria Belo-Galsterer, Lisbon, PT; Tenere il punto, Moresco Centro Arti Visive, Moresco, IT; 2018: Piccola Scala, Istituto Italiano de Cultura, Lisbon; 2016: Eutopia – L'Europa come corpo complesso, Fusion Art Gallery, Turin, IT; 2014: Senza Titolo, CCCTO Centro di Cultura Contemporanea, Turin, IT; 2013: Ideologie der Natur, Corpo 6 Galerie, Berlin, DE; 2010: Blasius/Litzkow/Marasca, S&G Galleries, Berlin, DE.

His work is part of several institutional collections, including the Italian Embassy, The Republic of San Marino, the Italian Art Museum, Benghazi, Libya, as well as German, Italian and Portuguese private collections.

Submundo de by Paulo Brighenti

Texto *Text* de by Alda Gaslterer, Setembro *September* 2020, Lisboa

Setembro/Sept 17 - Dezembro/Dec 19, 2020

“Ever tried. Ever failed. No matter.
Try again. Fail again. Fail better.”

[Samuel Beckett, 1983]

... em construção

Estamos na sala do projecto Submundo de Paulo Brighenti e vemo-nos perante cinco pinturas densas, agitadas pela pincelada que as marcas do óleo deixam na superfície da madeira.

Submundo é um projecto com trabalhos inéditos do artista: pinturas a óleo e alquide, delicadas e coloridas, matéria aplicada com mestria sobre madeiras de pequeno formato, nas quais a sobreposição de camadas é fundamental para o campo de experimentação que Brighenti explora nestes trabalhos. Constrói a ruína de uma paisagem, entre o abstrato e o figurativo.

As pinturas refletem uma agitação contida, construídas pelo próprio e destruídas de seguida, no processo do fazer; para voltar a construir novamente. Pinceladas que cobrem a superfície e que nos levam para um espaço sensorial interior invulgar.

As madeiras usadas para estes trabalhos mais recentes do artista já albergaram outras pinturas. De imagem apagada, agora, servem de fundo para novas. A chamada ‘tentativa e erro’ é o *modus operandi* de Brighenti que na adição da tinta vê a possibilidade de matéria para subtrair. No entanto cada retirar e raspar da camada anterior deixa algo para trás, como na vida em que as experiências e vivências se sobrepõem, algumas mais fortes e resistentes que outras. Memórias do que foi ao que pode ser e do que é.

Uma simultaneidade de impressões manifestas e materializadas na superfície do suporte com uma profundidade pictórica fascinante, como se de vários universos sobrepostos se tratasse: a consciência de um pintor a refletir sobre a complexidade do mundo atual.

Biografia resumida

Paulo Brighenti (Lisboa, 1968), vive e trabalha em Lisboa.

Pintor importante da sua geração com grande reconhecimento, é artista exemplar da cena artística portuguesa, com um percurso de sucesso a nível nacional e internacional. Paulo Brighenti expõe desde a década de 1990.

O artista com percurso sólido e de sucesso nacional e internacionalmente, tem apresentado a sua obra em museus de renome, como a Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação Carmona e Costa, MAAT, MEIAC e Nassjö Konstall Suécia, bem como em galerias e centros expositivos de Lisboa, Porto, Luxemburgo, Paris e Nova Iorque.

A obra do artista encontra-se em importantes coleções institucionais como, entre outras, Museu de Serralves, Porto; MAAT, Lisboa; Coleção Moderna / Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; Banco de España, Madrid, ES; CGAC, Santiago de Compostela, ES; Coleção António Cachola, Elvas; Fundação Carmona e Costa, Lisboa; Coleção PLMJ, Lisboa; Fundação Ilídio Pinho, Porto; Coleção Figueiredo Ribeiro, Abrantes; Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, Lisboa.

...under construction

We find ourselves in the project room with Submundo (“Underworld”) by Paulo Brighenti before 5 paintings that are marked by an agitated brushstroke left by the oilpaint on the wooden surfaces.

Submundo is a project with original works by the artist: paintings with oil and alkide, delicate and coloured, matter that has been applied with mastership on a small format, and in which the superposition of layers is fundamental for the field of experimentation that Brighenti explores in these works. The artist constructs the ruin of a landscape, between abstraction and the figurative.

The paintings reflect a restrained agitation, built by the artist himself and destroyed thereafter, in the process of doing; to be built up again. Brushstrokes cover the surface and take us to an unusual interior space of sensory experience.

The wooden plates used for these new works have already hosted other paintings. Now, the erased image is the background and stage for new ones. The so-called “trial and error” is Brighenti’s *modus operandi*, who in the addition of ink sees already the possibility of subtraction. However, in every layer that is taken away and coat that has been scratched leaves something behind, as in real life where experiences and livingness become superposed, one stronger and resistant than others. Memories of what has been become what they are or could be.

A simultaneity of manifest and materialized impressions of the medium with a fascinating pictorial intensity, like the overlaying of several universes: the conscience of a painter reflecting on the complexity of the state of the world.

Short Biography

Paulo Brighenti (Lisbon, 1968), lives and works in Lisbon. An important painter of his generation with great recognition, he is an exemplary artist of the Portuguese artistic scene, with a successful journey at a national and international level. Paulo Brighenti exhibits since the 1990s.

An artist with a national and international solid and successful career, has presented his work in renowned museums such as the Calouste Gulbenkian Foundation, Carmona and Costa Foundation, MAAT, MEIAC and Nassjö Konstall Sweden, as well as in galleries and exhibition centers in Lisbon, Porto, Luxembourg, Paris and New York.

The artist’s work is found in important institutional collections such as, among others, Serralves Museum, Porto; MAAT, Lisbon; Modern Collection / Calouste Gulbenkian Foundation, Lisbon; Banco de España, Madrid, ES; CGAC, Santiago de Compostela, ES; António Cachola Collection, Elvas; Carmona and Costa Foundation, Lisbon; PLMJ Collection, Lisbon; Ilídio Pinho Foundation, Porto; Figueiredo Ribeiro Collection, Abrantes; Arpad Szenes-Vieira da Silva Foundation, Lisbon.